

A IMPORTÂNCIA DO(S) SIGNIFICADO(S) DA ALGAROBA NO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO.

Maria Elisângela Ferreira da Gama

Bolsista FACEPE/CNPq. E-mail: elligama@hotmail.com

Maria Betânia Moreira Amador

Profª Adjunta da UPE/Campus Garanhuns.

E-mail: betaniaamador@yahoo.com.br

RESUMO:

Aborda-se a importância do(s) significado(s) da algaroba no semi-árido nordestino brasileiro. Fundamentalmente trata-se de revisão de literatura buscando-se a significação que esta espécie adquiriu ao ser introduzida no semi-árido. Entender os signos, símbolos e significados são de grande valia tendo em vista a interpretação da cultura tradicional. Isso permite que se apresente uma multiplicidade de singularidades presentes nas paisagens habitadas pelos plantios de algarobeiras.

Palavras-chave: Semi-árido. Significados. Algaroba.

INTRODUÇÃO:

Neste artigo, procura-se tecer algumas considerações sobre a importância do(s) significado(s) da algaroba (Figura 1) no semi-árido nordestino. Primeiramente, considera-se a origem e significação da algaroba, depois aborda-se as características do semi-árido nordestino e a adaptação da espécie nessa área, e também ressalta-se a importância dos conteúdos de notícias jornalísticas, nessas últimas décadas, que denotam a significação desta espécie *Prosopis juliflora* (SW) DC, na vida dos habitantes residentes no semi-árido nordestino. Cita-se como exemplo notícia intitulada “Algaroba pode salvar o sertanejo durante a seca”, publicada no Jornal Tribuna do Norte, Natal – Rio Grande do Norte em 10 de maio de 1998, e que se recorta a seguinte citação: “Uma alternativa para o problema da fome durante a seca está bem ao alcance do sertanejo. A algaroba, planta que existe em quantidade no sertão, pode ser a salvação de muitas vidas nos períodos de estiagem” (GURGEL, 1998, p. 23). No intuito de evidenciar as diferentes percepções captadas nas notícias apresenta-se outra matéria, dessa vez na internet, a qual enfoca o problema da invasão da caatinga. Ou seja, a algaroba é posta como vilã. A notícia tem o seguinte título: “EXCLUSIVO: Desequilíbrio causado pela presença de espécie invasora ameaça biodiversidade da caatinga”. Também recorta-se pequeno trecho para ilustrar o texto aqui discutido:

A invasão se deu de forma tão intensa, que agora a planta ocupa o lugar de outras espécies. A falta de tradição florestal e de planejamento, assim como a negligência no manejo, tornaram a invasão ainda mais crítica. O tradicional sistema de criação extensiva de gado

também favoreceu, uma vez que os animais são considerados dispersores e facilitadores da espécie (JORDAN, 2005, p. 01).



Figura 1: Algarobeira
Foto de Betânia Amador, 2008

ORIGEM, SIGNIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA ALGAROBA PARA O SEMI-ÁRIDO.

Segundo Silva (1989, p. 09), a algaroba introduzida no nordeste brasileiro tem sua origem em três locais bem diferentes entre si, pois consta que:

As sementes de algarobeira (*Prosopis juliflora*, (SW) DC), cuja origem se atribui ser do Novo México, Estados Unidos, foram introduzidas no Brasil em 1942, em Serra Talhada Estado de Pernambuco, por indicação do Prof. J. B. Griffing, da Escola Superior de Agricultura de Viçosa, Minas Gerais, através da Secretaria de Agricultura. Entretanto, há fortes indicações de que essa primeira tentativa tenha fracassado. Uma segunda introdução ocorreu em 1946. (...) O botânico inglês S.C. Harland quando esteve visitando (...) a

Companhia Brasileira de Linhas para Coser em Angico/RN, hoje Fernando Pedroza, (...) sugeriu a introdução de plantios de forrageira resistentes à seca, inclusive a algarobeira (...). Enviou as primeiras sementes do Peru, e em 1949 enviou semente do Sudão. Das sementes plantadas resultaram em quatro plantas: duas com espinhos longos e fortes e portes baixo, provenientes das sementes do Sudão; as outras duas eram altas e tinham espinhos pequenos, originados das sementes peruanas.

Essas iniciativas refletiam a preocupação de se encontrar um caminho para salvação do semi-árido brasileiro, por conta de ser considerado um dos únicos vegetais existentes em zonas áridas e semi-áridas no mundo a florescer e manter-se verde em pleno período seco. Assim, observa-se que o plantio de algarobeiras deu seu quinhão, de modo significativo, para atenuar os efeitos da seca na Região Nordeste já que a mesma se adaptou perfeitamente às condições climáticas do semi-árido nordestino. A partir de então, admite-se que a algarobeira vem colaborando decisivamente para o desenvolvimento da economia agropecuária do Nordeste devido a sua contribuição para a produção de alimentos de “boa qualidade para rebanhos”, sua ação na proteção dos solos, uma vez que a algaroba tem conseguido prosperar em áreas salinizadas, onde nenhum outro vegetal de interesse econômico conseguiu prosperar.

Como já foi mencionada, a principal característica desta espécie é permanecer verde e fornecendo frutos durante o período de estiagem no semi-árido nordestino, o que contribuiu significativamente para sua expansão uma vez que, para a população situada próxima aos plantios de algaroba e agropecuaristas em geral passam a tê-la como a “Salvação do Cariri e sertão nordestino”. Ressalta-se que uma das primeiras áreas a receberem plantios de algaroba no Nordeste, foi exatamente o Cariri paraibano.

CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO SEMI-ÁRIDA NORDESTINA E A IMPORTÂNCIA DA ESPÉCIE PARA A REGIÃO.

Sobre o clima, solo e vegetação do nordeste brasileiro verifica-se que, mesmo apresentando certa diversidade interna regional tem em comum a predominância de chuvas escassas. Com base em estudos desses componentes, pode-se admitir que o Brasil não é uniforme nas suas condições climáticas. Nesse sentido, estima-se que a região semi-árida ocupa uma área de 1,2 milhões de km², onde a superfície nordeste

corresponde a cerca de 74,31 % desta superfície, os quais estão incluídos os estados do Maranhão, Piauí, Pernambuco, Paraíba entre outros. Mesmo encontrando adversidades climáticas e pedológicas, a introdução da algaroba no semi-árido nordestino foi um grande avanço, uma vez que esta se adaptou a região. Sua expansão pode ser considerada a partir de três fases bem distintas: quando a espécie despertou a curiosidade dos zootecnistas nordestinos; quando a cultura tinha a confiança de técnicos e autoridades brasileiras; e por fim quando os órgãos governamentais passaram a olhar a algarobeira com bons olhos e sucedeu-se o incentivo de seu plantio ao mesmo tempo em que se procurava conhecê-la melhor.

O plantio de algarobeiras requer que se tenha ações de interpretação, planejamento e gestão dos espaços ocupados por seu plantio, para que se possa começar a obter uma significação desta para a vida dos moradores, viventes do semi-árido nordestino e, principalmente, dos agropecuaristas.

A importância da algaroba no semi-árido nordestino – objeto de estudo do presente trabalho – reside no fato de existir uma grande quantidade de áreas com vegetação reflorestada via políticas públicas no passado, e áreas ocupadas pelas algarobeiras via animais, pois as sementes possuem um tegumento tão duro que o aparelho digestivo desses animais não conseguem triturá-las, logo as sementes saem praticamente intactas nos excrementos e, encontrando condições favoráveis à sua germinação proliferam, e se proliferaram, sem qualquer problema. Portanto, é fundamental que se dê atenção especial no sentido de conhecer essa exótica e conhecer, também, o significado que está por trás da mesma para os moradores e produtores rurais, lembrando-se que em áreas urbanas foram muito plantadas e, conseqüentemente, levando a outro tipo de entendimento e de significados.

Os aspectos considerados anteriormente colocam a algarobeira em posição de destaque no quadro de interesse econômico, principalmente dos sujeitos que vivem nas áreas produtoras da espécie. As características naturais da espécie em tela somadas a sua adaptação ao semi-árido, dão a esta árvore uma posição estratégica no que diz respeito aos múltiplos processos de seu uso e ocupação da área. Deve-se ter bem posto o que seja a algarobeira e a algaroba, logo se segue a explicação com base na revisão de literatura: “Algarobeira, árvore da família das leguminosas, subfamília mimosácea (do gênero *Prosopis*), algarobo” (FERREIRA, 198, p.67). Enquanto que algaroba é o fruto da algarobeira (BOBBIO, 1987, p. 87). No contexto popular, no entanto as duas formas são usadas, praticamente, como sinônimos.

Em termos de aproveitamento do fruto (algaroba), tem-se referência que não somente serve para alimentação animal, mas também para alimentação humana:

Na alimentação humana, as vagens foram bastante utilizadas pelos índios do Peru, Chile e Argentina e, ainda hoje, são usadas como alimento humano em algumas regiões desses países. São utilizadas para o fabrico de farinha, bolos, pães, biscoitos, doces, geléias, mel, algarobina, refrescos, aguardente, licor e outros produtos (MENDES, 1989, p.09 – 10).

Em termos de produção alimentar para humanos, sabe-se que existem várias tentativas empreendedoras de se produzir em escala os produtos citados. Tentativas foram iniciadas em épocas diferentes e em locais diferentes, muitas das quais fadou ao insucesso, mas observa-se em pesquisas feitas na internet que a Universidade Federal da Paraíba tem levado adiante projetos que visam a produção de alimentos, entre eles cita-se a aguardente de algaroba (Figura 2).



Figura 2: Aguardente de algaroba

Fonte: <http://www.ct.ufpb.br/laboratorios/lpfd/algaroba.htm>

A INFLUÊNCIA DA CULTURA TRADICIONAL

O contexto da situação socioespacial do Nordeste brasileiro, conduz a considerar que o conhecimento sobre a espécie *Prosopis juliflora*, seja necessário para que se possa avaliar sua contribuição para a sociedade ali residente; ressalta-se também, a compreensão desse território e de seus aspectos identitários da cultura tradicional. Assim constituindo um importante conjunto de elementos a serem interpretados e compreendidos, pois contribuem para um melhor entendimento subjetivo e existencial dos sujeitos que lá vivem conseqüentemente, proporcionando uma melhor interpretação

desses elementos oferecendo-se dessa forma, subsídios para um melhor entendimento de sua significação. A questão de sua complexidade lhe é estabelecida pelos seus múltiplos usos e, também arranjos espaciais.

Sendo assim, essa multiplicidade cultural passa a ser enxergada como signos que permitem ler os símbolos que constroem a relação do sujeito com a paisagem (VILELA, 2009), sendo que um dos interesses do trabalho é entender as multiplicidades simbólicas que serão constatadas, efetivamente, durante a realização de trabalhos de campo que ocorrerão durante as atividades previstas para o período de novembro de 2009 a junho de 2010.

Visa-se compreender como as práticas culturais tradicionais contribuem na utilização da algaroba, na sustentabilidade, na ética e nos valores humanos. Tenciona-se, ainda, articular elementos de vida e registros orais como suporte para interpretação das práticas cotidianas dos sujeitos que vivem e resistem nas áreas de plantio de algaroba. Tendo assim como fundamento, o suporte teórico da Geografia, através da realização da leitura das paisagens, através das quais se procura entender o modo e a história de vida dos sujeitos que ajudam a construir o lugar e captar princípios ancorados na sustentabilidade que a algaroba traz para a sociedade, principalmente econômica. No entanto, ao refletir sobre a temática em foco, cabe considerar alguns conceitos úteis ao entendimento da questão como o lugar, o ambiente, a percepção, o desenvolvimento sustentável e, também mais uma vez, o papel da algarobeira.

O lugar pode ser entendido como a base territorial na qual se estabelecem inter-relações pessoais da vida cotidiana, havendo o surgimento de uma identidade. É nessa base que se acham os desafios e as potencialidades do desenvolvimento local (MARTIN apud Martins, 2002). Sendo importante, portanto, para a compreensão de fatores construtivos de sua história e transformação de ordem física, econômica, social e ambiental.

O ambiente, por sua vez, remete a significações diversas, inclusive no que se refere às circunstâncias na qual vive o homem. Mas sob o ponto de vista interativo, sistêmico pode-se dizer que “o meio ambiente é constituído pelos sistemas que interferem e condicionam as atividades sociais e econômicas, isto é, pelas organizações espaciais dos elementos físicos e biogeográficos da natureza” (CHRISTOFOLETTI, 1999, p. 37).

No que se refere ao entendimento do seja percepção, apreendeu-se que seu uso remonta a épocas muito antigas, nas quais já se praticava a observação para tentar compreender e suplantar o que acontecia no ambiente em que se vivia.

Na Geografia, muitos teóricos contribuíram para a construção de sua conceituação citando-se, por exemplo, o trabalho de Anne Buttimer (1971/1974) citado por Amorim Filho (2007), “sobre a conceituação e os tipos de valores de maior significado para os homens, além de suas relações com uma geografia que não poderia mais continuar sob a orientação quase exclusiva dos paradigmas neo-positivista e neo-marxista” (AMADOR, 2007, p. 880).

Em termos do conceito de desenvolvimento sustentável, o qual por si só já é muito controverso, opta-se por aquele consagrado no documento intitulado “O Nosso Futuro Comum”, elaborado pela Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (1987, p. 46), que expões o seguinte: “aquele que atende às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades”.

Amador (2007), discorrendo sobre a pecuária assinala que é imperativo perceber o quanto a algarobeira é significativa em várias propriedades que foram analisadas na ocasião de seu trabalho de doutoramento. A autora ressalta, ainda, que na apuração da coleta de dados visando o entendimento do agroecossistema, ficou evidente a importância da *Prosopis* para esses agropecuaristas os mesmos atribuíram a essa exótica, a melhoria do leite com consequência no acréscimo de rendimento, importante quando se tem como objetivo o fabrico de queijo. E enfatiza que, se ela consegue produzir em solos declivosos e pedregosos, se fornece subsídio alimentar para o gado e por extensão, beneficia o produtor de alguma forma então, deve ser considerada como elemento interconectante na teia de relações produtivas e da paisagem do semi-árido, sendo fator determinante para ambos os casos a difusão de manejo adequado.

Em prosseguimento, e até uma forma de atualização de abordagem do elemento algaroba em pesquisas acadêmicas, tomar-se para reflexão um das técnicas de coleta de dados, mas usada nas ciências sociais e humanas, porém cada vez mais se torna necessária a interação de conhecimento e de métodos para se entender a realidade.

O USO DA TÉCNICA “HISTÓRIA DE VIDA”.

As representações dos sujeitos, baseados em suas “histórias de vida”, são essenciais, pois, só será possível chegar aos aspectos do cotidiano desses sujeitos que vivem no âmbito dos plantios de algarobas, por meio dos símbolos tornando evidente a conjugação dos conhecimentos que se encontra em separado, um no âmbito da História e o outro no âmbito da Geografia. A apresentação das “histórias de vida” é de essencial importância para o êxito da pesquisa que se encontra em realização.

Segundo Meihy (1996), “A história de vida constitui-se numa metodologia que trata a narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa”. Diante do exposto, nota-se que a história de vida dos sujeitos a serem pesquisados emergirá de seus relatos orais. Trata-se de um tipo de busca que visa a utilização de fontes orais em diferentes propósitos, para adquirir um melhor entendimento do que se almeja com a referida pesquisa, sendo importante frisar que é uma maneira inovadora de se tratar a algaroba.

Espera-se que os relatos advindos por ocasião da coleta das histórias orais possam, por meio da memória dos sujeitos e dos processos dinâmicos ocorridos em suas vidas trazer à tona elementos substanciais das relações destes com os conteúdos do local onde reside, e as tramas existenciais de trocas entre os membros de um grupo e destes com a produção econômica vigente, tendo como foco a algarobeira. Por meio da orabilidade, a capacidade de aprender-se os aspectos sociais que estão marcados na memória dos sujeitos a serem pesquisados auxiliará na compreensão do modo como estes registram em suas memórias os processos constituidores da significação da algaroba em suas vidas.

Enfatizando-se também, que este método possibilita extrair da comunidade conhecimentos exclusivos daquela área. Assim, por meio da subjetividade e do simbolismo há uma grande contribuição para a pesquisa em seu âmbito qualitativo. Deste modo, por meio das histórias de vida dos moradores, estima-se captar-se o que aconteceu e acontece nas interações individuais dos sujeitos com o meio em que habitam permitindo, assim, vislumbrar quais são os elementos do presente que se fundem com as evocações passadas da área em estudo. Passa-se a perceber que as vivências que são adquiridas pelos sujeitos residentes no semi-árido nordestino, mostram como ao longo do tempo, essas identidades territoriais e culturais vão sendo constituídas e transformadas.

Através dos fatos e dos aspectos identitários, emergem os objetos, ou seja, a fala, os gestos, as ações, se constituindo desse modo num registro que guarda uma

diversidade profunda de manifestações inerentes à trajetória do sujeito, em que sua vida cultural foi constituída. Logo, fundamentando-se em princípios que visam o respeito com a exposição do sujeito em estudo, a partir da observação de seus valores e sua visão de mundo, conforme postura do observador, para que o sujeito apresente por via da oralidade, seus sentimentos, seus valores e a significação da importância da algaroba (*Prosopis juliflora* (Sw)D.C), em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Considera-se que o conhecimento sobre o(s) significado(s) da algaroba no semi-árido nordestino, bem como suas características são de fundamental importância para entender-se as diversas percepções que se colocaram ao longo de décadas, bem como sua importância para a região. Portanto, faz-se necessário nesse trabalho que se utilize “da história de vida”, que se elabore entradas pautadas na subjetividade, de modo a procurar nas narrativas pessoais impressões, sentimentos e sonhos, que possam contribuir na construção do significado e na importância que a algarobeira representa (ou) para os sujeitos viventes do semi-árido nordestino. Uma vez que a partir do momento que se busca utilizar esta metodologia, ela passa a contribuir para a captação de especificidades individuais ou coletivas, com a finalidade de permitir entender-se como o sujeito se constrói no meio em que vive. O esforço empreendido nessa direção permitirá, talvez, reverter o estigma da algarobeira no Nordeste semi-árido brasileiro.

Referências bibliográficas:

AMADOR, Maria Betânia Moreira. A algaroba no contexto da agropecuária agrestina: percepção ambiental na análise geográfica do espaço agrário dos municípios de Venturosa e Pedra – PE. Revista OLAM Ciência & Tecnologia. Rio Claro, SP, Ano VII. v. 7. n.1, p. 879 -882.

_____. Redesenho de um agroecossistema pecuário com a presença da algarobeira: utopia ou possibilidades? In: **Congresso Cearense de Agroecologia**. Fortaleza, CE, UFCE, 2008

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BOBBIO, Florinda, Orsatti. Estudo do polissacarídeo da semente de algaroba. **Revista da Associação Brasileira de Algaroba**. Mossoró/RN; v. 1, n. 1. 1987.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgar Blucher, 1999.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

CORREA, Roberto Lobato. **Trajatórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 10ª re-impressão. São Paulo: Nova Fronteira, 198_.

GOMES, Ivair. O diabo na rua, no meio do redemoinho: olhares sobre o espaço rural a partir da paisagem, da percepção e da arte. **Revista Agrária**. n. 6. 2007. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria/revistas/6/Texto2_Gomes.pdf. Acesso em: 28 jul.2009.

GURGEL, Júlio César. Algaroba pode salvar o sertanejo durante a seca. Tribuna do NorteNatal, RN, 10 maio 1998. Caderno Especial, p. 23.

JORDAN, Danielle. EXCLUSIVO: Desequilíbrio causado pela presença de espécie invasora ameaça biodiversidade da caatinga. **Ambientebrasil**. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br>. Acesso em: 27 out. 2007.

MARTINS, S. R. O desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações: Revista Internacional do Desenvolvimento Local**. v. 3. n. 5, p. 51 – 59. Set. 2002. Disponível em: <http://www.desenvolvimentolocal.or.php?id=536-4k>. Acesso em: 30 out. 2006.

MENDES, Benedito Vasconcelos. **Potencialidades de utilização da algaroba (Prosopis juliflora (SW) DC) no semi-árido brasileiro**. 2 ed. Mossoró/RN: ABA 1989.

MEIHY, Carlos Sebe Bom, manual de história oral, Loyola, São Paulo,1996.

NOBRE, Fernando Viana. **Algaroba na alimentação de vacas em lactação**. Fortaleza, CE: BNB:ETENE, 1982.

NOBRE, Fernando Viana; FERREIRA NETO, Ivo. Estudo do aproveitamento de solos salinizados com a cultura da algarobeira. **Revista da Associação Brasileira de Algaroba**. v. 1. n. 3. Mossoró, RN, 1987.

SILVA, Clóvis Gouveia da. Algaroba. Disponível em: <http://www.ct.ufpb.br/laboratórios/lpfd/algaroba.htm>. Acesso em 29 set. 2009.

SILVA, Sebastião. **A algarobeira (Prosopis juliflora (Sw)D.C.) no Nordeste do Brasil**. Brasília: SNAP/SPA, 1989.

_____. **Algarobeira**. Natal, RN: SEBRAE, 1987.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico:** do planejamento aos textos, da escola à academia; 3. Ed. 1. reimp – São Paulo: Rêspel, 2008.

VENTURI, Luís Antonio Bittar. **Praticando geografia:** técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

VILELA, Benjamin Pereira. Interpretação de signos e símbolos da cultura tradicional: as paisagens da bacia hidrográfica do Rio Caldas: Goiás: Brasil: tópicos metodológicos sobre “história de vida”. **Revista Ateliê Geográfico.** V 1, n. 6. abr. 2009.